

SOBRE O AMOR



Goethe retratado por Johann Heinrich Wilhelm Tischbein
durante sua estada na Itália de 1786 a 1788.

NOTA DA EDIÇÃO ELETRÔNICA

Para aprimorar a experiência da leitura digital, optamos por extrair desta versão eletrônica as páginas em branco que intercalavam os capítulos, índices etc. na versão impressa do livro. Por este motivo, é possível que o leitor perceba saltos na numeração das páginas. O conteúdo original do livro se mantém integralmente reproduzido.

SOBRE O AMOR

LEANDRO KONDER

Copyright © Leandro Konder, 2007
Copyright © Boitempo Editorial, 2007

Coordenação editorial: Ivana Jinkings
Mariana Echalar
Editores: Ana Paula Castellani
João Alexandre Peschanski
Revisão: Marcela Vieira
Isabel Junqueira
Diagramação: Daniela Di Giovanni
Silvana Panzoldo
Tratamento de imagens: Daniela Di Giovanni
Capa: David Amiel
sobre *Leitura interessante (Érdekes olvasmány)*, 1891, de Gyula Kardos
Galeria Nacional Húngara
Produção: Ana Lotufo Valverde e Marcel Iha

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

K85s

Konder, Leandro, 1936-

Sobre o amor / Leandro Konder. - São Paulo : Boitempo, 2007.
Il. - (Marxismo e literatura)
Contém dados biográficos
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7559-094-2
1. Amor. 2. Erotismo. I. Título. II. Série.

07-1540.

CDD: 177.7
CDU: 177.6

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do novo acordo ortográfico.

1^a edição: maio de 2007
1^a edição revista: dezembro de 2009
1^a reimpressão: setembro de 2011

BOITEMPO EDITORIAL
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br

Sumário

<i>Introdução – O QUE É O AMOR?</i>	7
SÓCRATES, O BANQUETE E O AMOR PLATÔNICO	13
MARX: OS REVOLUCIONÁRIOS TAMBÉM AMAM	19
GOETHE: VENDER A ALMA, MAS NÃO ENTREGÁ-LA.....	27
CAMÕES E A PLURALIDADE DA BELEZA FEMININA.....	35
FOURIER: ATRAÇÕES CÓSMICAS MUITO HUMANAS.....	41
OVÍDIO: POETA SEM DINHEIRO SÓ DÁ PALAVRAS	47
SIMONE DE BEAUVOIR: O ESSENCIAL E O CONTINGENTE.....	53
BORGES E O AMOR À LITERATURA.....	59
HEGEL, A PAIXÃO QUASE ENLOUQUECIDA.....	63
FREUD, TESÃO E TERNURA	69
JACOB BOEHME, O SAPATEIRO MÍSTICO	75
EMILY DICKINSON: MINHA CASA, MEU UNIVERSO	81
ROSA LUXEMBURGO, A MILITANTE QUE QUERIA SER FELIZ.....	87
HEINE: A POESIA CONTRA O EXÍLIO E A DOENÇA.....	93
FLAUBERT E A MARÉ MONTANTE DA BURRICE.....	99
GUIMARÃES ROSA, O AMOR, O SERTÃO E O DIABO	103
CERVANTES: SANCHO E O FUTURO DA CAVALARIA.....	109
SHAKESPEARE E AS TURBULÊNCIAS DO AMOR.....	115
STENDHAL: ESCREVEU, AMOU, VIVEU	121
BALZAC E O DIREITO DAS BALZAQUIANAS AO AMOR.....	127
DOSTOIÉVSKI, A MALDADE E O AMOR.....	135
THOMAS MANN: AMAR A VIDA SEM IGNORAR A MORTE	143
DRUMMOND: “SOU E NÃO SOU, MAS SOU”	149

<i>Concluindo, reabrindo</i>	155
<i>Biografias sucintas</i>	157
<i>Leituras sugeridas</i>	165
<i>Bibliografia</i>	169
<i>Obras do autor</i>	173
<i>Nota biográfica</i>	175

Introdução

O QUE É O AMOR?

Este livro começa com um texto “clássico”, *O Banquete* de Platão. Nele Sócrates conversa com amigos sobre o amor. É uma experiência que nós provavelmente já vivemos. Numa escala modesta, sem banquete, quem é que nunca bateu um papo filosófico com amigos num bar, tomando um chopinho? Suponho também que, nessas ocasiões, os amigos falem de afetos, de amores. Por que não? Pode ser até que alguém no grupo tenha observado que o termo “amor” possui, afinal, uma elasticidade impressionante.

O que estamos querendo dizer quando afirmamos ao nosso interlocutor que determinada pessoa ama outra? Estamos nos referindo ao fascínio erótico ou à ternura depurada? Falamos de um amor fraterno de velhos amigos, do carinho entre irmãos, entre pais e filhos, entre avós e netinhos? Ou falamos do arrebatamento dos namorados, da atração irresistível que sentem um pelo outro (ou uma pela outra) dois (ou duas) homossexuais? Qualquer intensificação no “querer bem” a outra pessoa significa que a amamos? Quando exatamente o amor passa a ser paixão? O que as pessoas sentem por seus animais de estimação é amor? Existe uma relação efetiva entre a profundidade do sentimento amoroso e a força da atração sexual?

Ainda hoje a palavra “amor” se beneficia de um clima que lhe é favorável. Muita gente a usa com certa malícia; alguns a empregam para arregimentar adeptos na dinâmica de partidos ou Igrejas; e há quem a utilize na publicidade para seduzir consumidores. Contudo, o perigo da banalização é permanente. Ele nos espreita, aguardando uma boa ocasião para lançar uma “cantada” em estilo cafajeste: “Querida, vamos fazer um amorzinho legal?”. Também é uma palavra a que se recorre para encobrir proclamações ocas, demagógicas.

Vale a pena recordarmos um episódio citado pelo historiador Robert Darnton. Em 7 de julho de 1792, no auge da Revolução Francesa, um obscuro deputado conservador chamado Adrien Lamourette fez um discurso veemente, no qual conclamava seus colegas a amar uns aos outros. Concitou-os a se abraçar e se beijar. O efeito imediato de sua fala foi surpreendente. Todos confraternizavam e choravam de emoção. As contradições pareciam superadas. As divisões haviam sido anuladas. Logo, porém, os antagonismos retornaram, e as discórdias ressurgiram. E o conflito tornou a pegar fogo¹.

Tal como a trajetória da humanidade, as caminhadas que fazemos, as experiências que vivemos e cada um de nós somos sempre mais contraditórios do que costumamos reconhecer. Nossos sentimentos, sobretudo os mais fortes, não poderiam fugir à regra.

Sabemos que não é preciso ter diploma de Filosofia para filosofar. Todo mundo já passou por situações nas quais pensou e disse coisas filosóficas. Alguns conceitos, sobretudo os mais abstratos, prestam-se muito a discussões filosóficas. Este livro gira em torno de um conceito vasto e um tanto vago: o conceito de amor. É claro que o amor, pela força e pela intensidade com que “invade” a alma (*psiquê*, em grego) do sujeito apaixonado, jamais poderia ser considerado “um tanto vago”. Aqui, porém, não estamos nos referindo ao sentimento vivido e sim ao conceito, à ideia do amor.

O amor, ao que tudo indica, é o sentimento mais forte de que é capaz a *psiquê*. Ele costuma atropelar e arrastar outros sentimentos com ele em seu caminho. As sensações que provoca podem ser deliciosas, mas também podem ser dolorosas, assustadoras. Com ele, caminham medos e esperanças. Com ele, caminha também um persistente ceticismo. Ou, o que é pior, um solerte cínismo. O escritor alemão Johannes Mario Simmel lançou há algumas décadas um livro de escasso valor literário intitulado *Amor é apenas uma palavra*². Por ocasião do lançamento, um cliente que folheava o volume na livraria – mas não o comprou – comentou: “O que eu gostaria de saber é por que essa palavra – precisamente ela – gera tantas controvérsias”.

¹ Robert Darnton, *O beijo de Lamourette* (trad. Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras, 1990).

² Johannes Mario Simmel, *Amor é apenas uma palavra* (trad. Ari Blaustein, São Paulo, Nova Fronteira, 1993).

É raro identificarmos o amor em estado puro; aparentemente ele prefere atuar misturado. Cada mistura é um caso, e cada caso tem suas singularidades. Os apaixonados, os arrebatados pela paixão, são levados a crer que estão sendo conduzidos por uma força irresistível. Há teóricos que chegam a falar no amor como uma força cósmica. O poeta Dante Alighieri, no último verso de sua *Divina comédia*, atribui ao amor o poder de mover o Sol e “as outras estrelas” (“L'amor che muove il sole e l'altre stelle”). E Fourier, um dos autores comentados neste livro, sustentava que o amor vivido na escala humana era a mesma atração que equilibrava os astros em suas órbitas, concatenando seus movimentos.

Essa graciosa concepção “cósmica” do amor, contudo, tem seus problemas. Uma das dificuldades que ela traz para seus adeptos está no agravamento das condições desfavoráveis ao reconhecimento de seus limites. Se eu me identificar com uma força cósmica, meus limites passarão a ser os limites dela (ou minha falta de limites passará a ser a falta de limites dela). A força cósmica, por sua própria natureza, é ilimitada, quer dizer, seus limites só poderiam ser estabelecidos por outra força cósmica.

O cosmo abrange e dissolve em si as vicissitudes humanas, as contingências históricas. Ao pegar carona nele, o mais forte dos nossos sentimentos estará cultivando uma fantasia de onipotência que torna inviável para nós qualquer dimensionamento convincente de nossa faculdade de amar.

O discurso poético sobre o amor não é prejudicado por essa ênfase, por essa desmesura. O poeta espanhol Antonio Machado já disse que um pouco de exagero faz bem às palavras de amor (“A las palabras de amor les sienta bien su poquito de exageración”). Entretanto, quando prevalece a preocupação crítica e filosófica, dependendo da direção em que se encaminha a construção do conhecimento, o exagero da concepção cósmica do amor pode causar transtornos em nossa compreensão de nós mesmos.

De fato, nossas trajetórias humanas não são calculáveis, previsíveis, como o deslocamento dos astros em suas órbitas: os movimentos dos homens passam por momentos em que se tomam decisões, se fazem escolhas e se assumem riscos. Os seres humanos se defrontam com circunstâncias casuais, em que são forçados a improvisar. E o amor pode lhes inspirar opções boas ou más, lúcidas ou equivocadas.

As normas usuais nesses casos também não oferecem garantias de acerto. Um preceito cristão, por exemplo, recomenda: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Entretanto, mesmo o mais convicto dos cristãos encontra dificuldades imensas para seguir esse preceito. Organizada em torno do mercado, a sociedade hegemonizada pela burguesia impõe às pessoas que se tornem competitivas; cada indivíduo é levado a suspeitar do “próximo”, a enxergar nele um concorrente, uma ameaça em potencial. A recomendação do amor ao próximo torna-se abstrata: continua a ser proclamada no discurso, mas é esvaziada de sentido no plano da vida. Declarações de amor podem ser falseadas, insinceras e, mesmo quando feitas de coração, podem decorrer de mal-entendidos. Em *O mundo como vontade e representação*³, Schopenhauer se contrapõe a esse preceito e sustenta que o amor (*eros*) é “amor-próprio”.

Não basta amar, sentir o amor, para conhecê-lo suficientemente – quem seria tão ingênuo a ponto de pretender conhecer suficientemente o amor? A intensidade do amor é importante, mas não deve ser confundida com solidez e profundidade. Todos conhecemos casos de pessoas, em geral jovens, que se apaixonam “perdidamente” e dizem que encontraram o “amor eterno”, no entanto trata-se de um sentimento que dura pouco. Em que consiste essa paixão que arrebata o sujeito e pode durar muito ou pouco, e pode ser mais ou menos profunda?

A confusão aumenta quando, na tentativa de explicar o que se passa (ou se passou) com ele, o sujeito recorre a um esquema teórico de tipo “determinista” e tende a ver o desencadeamento das tempestades de uma paixão como uma “fatalidade”. Por mais arrebatadora que seja, a paixão jamais elimina completamente a participação da vontade do sujeito. Há momentos de “liberdade” no interior do processo que se realizam sob forte pressão de um sentimento vivido como “necessidade”.

Não podemos alimentar a ilusão “iluminista” de que uma boa argumentação, desenvolvida com os poderosos recursos da razão, modifica o panorama da consciência de pessoas arrebatadas pela paixão. Nem por isso devemos concluir pela total inutilidade do esforço crítico, racional. Antonio Gramsci,

³ Arthur Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação* (trad. Arthur M. F. Sá Correia, Rio de Janeiro, Contraponto, 2001).

numa carta enviada a sua cunhada Tânia em 5 de dezembro de 1932, dá a ela um conselho que também serve para nós: “Mesmo no ‘afeto’ é preciso ser ‘inteligente’” (“Anche nell’affetto bisogna essere ‘intelligente’”)⁴. Não existe, contudo, nenhuma receita para ser “inteligente” no amor. A própria mitologia grega, que Marx e Freud frequentaram com notório entusiasmo, não parece disposta a nos fornecer indicações precisas sobre esse tema. O menino que alveja os corações humanos com suas setinhas não nos revela seus critérios.

Teoricamente o amor viria para mostrar aos seres humanos como equilibrar a *psiquê*, como lidar com a ida ao Outro (*alter*) sem se alterar demais, a ponto de perder sua identidade. Muita gente teme a “aventura” do amor e prefere renunciar a ela. O prejuízo é grande: o conhecimento da condição humana sofre com a perda da possibilidade de viver uma experiência humana fundamental. No entanto, a “aceitação” da “aventura” nos põe diante de problemas e riscos consideráveis. Como “aceitar” os sentimentos sem se descartar deles, sem subestimar o tesouro de significações que eles nos trazem, tanto quando os vivemos pelo outro como quando o outro os vive por nós? E, ao mesmo tempo, como evitar a ilusão de se instalar numa desmesurada exaltação desses sentimentos – numa embriaguez ou num êxtase – que resultaria no abandono das questões que envolvem a criação de valores no interior mesmo dos afetos, quando pensados historicamente?

Sabemos que os valores são criados pela comunidade. Os indivíduos os interpretam e lhes dão vitalidade. Quando os sentimentos mais intensamente vividos desafiam a reflexão, eles interpelam as pessoas, exigindo que compreendam melhor o que está se passando com elas e quais escolhas elas podem fazer.

No plano da história político-cultural e no plano jurídico, entretanto, podemos reconhecer outro filão para as observações que nos dispomos a fazer a respeito do amor: podemos reconhecer que o amor desempenha um papel útil ao incitar os seres humanos à busca de um mundo melhor e mais justo.

Se para os indivíduos, no plano subjetivo, o amor, filho de Poros e Penia, acena com a possibilidade de se situar conscientemente entre o excesso e a carência, num plano mais abrangente (histórico-social), segundo o jurista

⁴ Antonio Gramsci, *Cartas do cárcere* (org. e trad. Noênia Spinola, 4. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991), p. 322.

Fábio Konder Comparato, o amor desempenha um papel crucial: cabe a ele atuar como fator permanente de aperfeiçoamento das leis, dos princípios, dos valores universais. Como fator de permanente aperfeiçoamento da justiça⁵.

NOTA: Não pude resistir à tentação de quebrar um pouco certo tom profissional que tende a aparecer nos textos que abordam temas e questões filosóficas. Para tornar a leitura mais prazerosa, coloquei na abertura de cada capítulo uma epígrafe extraída de autores destacados da música popular brasileira. Com isso, pretendo homenagear compositores que admiro e, ao mesmo tempo, ao recorrer a imagens e ideias, proporcionar aos leitores fragmentos de uma cultura notável pela riqueza (a da MPB), cheia de sugestões, provocações e humor. Suspeito até que em alguns casos há conexões curiosas entre as epígrafes e algum pensamento ou manifestação da sensibilidade dos autores revisitados.

⁵ Fábio Konder Comparato, *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno* (São Paulo, Companhia das Letras, 2006).

SÓCRATES, O BANQUETE E O AMOR PLATÔNICO

Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima.

Paulo Vanzolini

Platão escreveu *O Banquete*¹ possivelmente no ano 385 a.C. Do que trata o livro?

Agatão fica feliz por ter sido premiado no concurso de peças de teatro selecionadas para encenação. Chama alguns intelectuais para um “banquete”: uma refeição comemorativa, na qual as pessoas, reclinadas, comiam e bebiam coisas finas, com sábia lentidão, e conversavam coisas inteligentes, escolhidas com antecedência. Entre os presentes, além do anfitrião Agatão, estão um professor de retórica chamado Fedro, um médico chamado Erixímaco, o poeta e tragediógrafo Aristófanes e o convidado mais ilustre, que já era uma celebridade, Sócrates.

Sócrates não é nenhum apreciador das obras de Agatão, limita-se a admirar a beleza do rapaz. Quando seu amigo Apolodoro o encontrou de banho tomado e sandálias calçadas – coisas que só lhe aconteciam muito raramente – e perguntou aonde ia, Sócrates esclareceu: “Ao jantar em casa de Agatão”². E aproveitou para arrastar Apolodoro para a “boca livre”, como “penetra”.

Por proposta de Erixímaco, os convidados decidem que o tema do “simpósio” (essa é a palavra em grego) será o *amor*.

Fedro diz que o deus do amor – Eros – é o mais antigo dos deuses, tão antigo que não tem pai. É mais antigo do que Cronos, o deus do tempo. Pausâncias adverte que não se deve confundir o amor em sua versão “celestial”

¹ Platão, *O Banquete* (trad. José Cavalcante de Souza, 3. ed., São Paulo, Abril Cultural, 1983, Coleção Os Pensadores).

² Ibidem, p. 8.

e em sua versão “popular”. O Eros “popular” concentra-se mais no desejo do corpo do que no encanto pela alma. Em todo caso, falta-lhe constância. Acessos de ternura, como acessos de excitação, quando carecem da dimensão “celestial”, duram pouco.

Aristófanes introduz um toque humorístico na troca de ideias. Sua explicação da origem do amor é original e diverte muito Sócrates. Segundo Aristófanes, existiam três gêneros: masculino, feminino e andrógino. Originalmente todos os seres humanos possuíam uma só cabeça, mas com duas faces, quatro braços com quatro mãos e quatro pernas com quatro pés. E tinham as “partes pudendas” duplicadas. Entusiasmados com seus poderes, eles começaram a preparar uma rebelião contra os deuses. Zeus já havia reprimido uma revolta anterior e extinto a raça dos gigantes; não queria repetir o drástico castigo. Partiu, então, os seres humanos pela metade. Inseguros com sua nova situação, fragilizados, os indivíduos se abraçaram, ficaram embolados. Queriam se tornar um só ser. E isso era impossível. O amor tem esse caráter: ele traz aos seres humanos a nostalgia de um tempo extremamente longínquo.

Divididos, os indivíduos desejam se unir. O que eles desejam uns dos outros? Agatão responde: desejam o que já conhecem, o que já tem. Sócrates ironiza: sou alto, desejo altura. Sou magro, desejo magreza. É assim? Agatão reconhece que disse uma tolice e recua.

Nesse momento, Sócrates relata aos demais uma conversa que teve com uma moça chamada Diotima, sacerdotisa de Mantinea, que ele chama de “a estrangeira”. Ela acha que o amor desempenha na vida funções de mediação entre a consciência ignorante, primitiva, e o pensamento articulado, o conhecimento sólido. Por isso, tem algo de demoníaco. Como intermediário, o amor precisa ser esperto, e buscar o que é eterno e imortal na precária condição humana. Temos de homenageá-lo. Ele é mais do que a beleza: é a beleza que cria beleza, que luta, tanto quanto possível, pela imortalidade. Sócrates valoriza o depoimento da “estrangeira”, “encenando” sua fala.

De repente, um novo golpe teatral: um grupo reunido na porta da casa grita que quer ver Agatão. No comando dos recém-chegados está o belíssimo Alcibíades, que avisa aos circunstantes que está completamente bêbado, porém pretende continuar bebendo em companhia do poeta Agatão, a quem trouxe uma coroa de louros para pôr na cabeça “do mais sábio e do mais

belo”³ dos homens. Só quando está coroando Agatão, Alcibíades se dá conta de que ocupou o lugar de Sócrates ao lado do anfitrião. Mostra-se claramente constrangido, e desagradavelmente surpreendido por encontrá-lo ali. Erixímaco explica a ele o que está acontecendo e diz que, tendo todos combinado seguir a ordem dos leitos, ele, Alcibíades, pelo lugar onde se instalara, seria o próximo a falar sobre o amor (se concordasse). Sócrates falaria no final.

Alcibíades concordou, mas ressalvou que o confronto era desigual, porque no âmbito da palavra Sócrates vencia todo mundo.

E era desigual também, porque ele estava de pileque, ao passo que Sócrates se mantinha no efetivo controle de suas faculdades mentais: “[...] quanto se lhe mandar, tanto ele beberá, sem que por isso jamais se embriague”⁴.

Aceito o desafio, cabe a Alcibíades fazer o elogio do amor e, para ser fiel à verdade, certamente deverá falar de Sócrates. No começo de sua fala, ele comenta o fascínio que Sócrates exerce sobre as pessoas, embora sua aparência não seja propriamente a de um sedutor (ele parece um “sileno”, um daqueles homenzinhos carecas e de cavanhaque que, do ângulo do século XXI, poderiam ser confundidos com diabinhos).

Em seguida, faz uma narrativa patética a respeito de seu envolvimento amoroso com Sócrates. Aprendeu a admirá-lo no campo de batalha, pela bravura e pela discrição que demonstrou na derrota sofrida pelos atenienses contra os tebanos em Delião, no ano 424 a.C. A admiração cresceu quando viu o desprendimento com que Sócrates encarou a concessão feita a ele, Alcibíades, de uma medalha da qual era mais merecedor.

Com alegria, constatou que o filósofo era sensível à sua beleza. Percebeu que este o desejava. Frequentemente comiam juntos, porém, no início do convívio, Alcibíades evitava situações nas quais os dois pudessem se tornar amantes.

Como o público ouvinte na casa de Agatão havia comido bem e bebido muito, a tendência nas reações era o riso. Riram quando Alcibíades contou que tentou de várias maneiras envolver Sócrates num clima erótico, atraiu-o para sua casa, dormiram juntos – e nada! Alcibíades, o vaidosíssimo Alcibíades, reclamava de Sócrates: “[...] este homem cresceu e desdenhou

³ Ibidem, p. 43.

⁴ Ibidem, p. 45.

minha juventude”⁵. Ele seria, a seu ver, “um amante digno”⁶ dele, no entanto estava claro que ele hesitava em lhe fazer uma declaração. A hipótese de Alcibíades para explicar a conduta de Sócrates era a de que o filósofo não amava, não possuía as características de um amante: ele sabia – isso, sim! – fazer-se amado.

A partir da entrada em cena de Alcibíades, o texto deixa seus leitores “embasbacados” (como escreveu Lacan ao tratar da transferência⁷). Alcibíades subverte as leis da cidade, vai além delas, move-se num plano que subordina tudo ao seu desejo individual.

Quem é exatamente Alcibíades? Quando passou por Esparta, ele engravidou a rainha, que havia mais de dez meses não dormia com o marido, o rei Ágis. Assumiu publicamente seu papel na história, e explicou a Orestes que lhe parecera digno dele assegurar um trono para sua descendência.

No relato que se encontra em *O Banquete*, Sócrates não chega a responder a Alcibíades, porque outras pessoas chegam ao local e o prosseguimento do “simpósio” torna-se inviável.

Quatorze anos após sua morte, Sócrates havia se transformado numa espécie de “herói” dos escritos de Platão. Como Sócrates não escrevia – preferia comunicar-se oralmente –, é impossível comparar as ideias expostas por um deles com as ideias expostas pelo outro. Análises críticas cuidadosas sugerem, porém, que em seus primeiros livros Platão permanecia bem mais próximo da perspectiva de Sócrates do que em seus livros mais tardios.

Sobre *O Banquete*, ainda há muitas dúvidas. Em que medida, ao interpretar o pensamento de Sócrates sobre o amor, Platão tornou-se o autor de uma concepção própria, peculiar? Ao expor os argumentos com que seus personagens sustentam seus diferentes pontos de vista, qual a posição com que ele mais se identifica em relação ao amor, adotando a perspectiva socrática? Qual interlocutor ele privilegiaria?

De fato, ao adotar a ideia de que a beleza no ser humano tem algo de sagrado, Platão sustenta que o verdadeiro amor é o que mobiliza a alma para

⁵ Ibidem, p. 50.

⁶ Ibidem, p. 49.

⁷ Jacques Lacan, *O seminário: livro 8 – a transferência* (Rio de Janeiro, Zahar, 1992).

que ela se devote à pura contemplação da beleza, sem se entregar à sensualidade corporal.

Essa “leitura” resultou no uso generalizado da expressão “amor platônico”. Por outro lado, em ambientes mais restritos, vem sendo empregada a expressão “amor socrático” como sinônimo de “pederastia” e “práticas homossexuais”.

Essa ambiguidade no legado do *Banquete* não é casual. Mas também não se pode dizer que os elementos ambíguos diminuam a importância da obra. Trata-se de um clássico. É um marco histórico que não pode ser bem compreendido se não for contextualizado, isto é, se não levarmos em conta a crise grega, a dissolução das instituições criadas pela “democracia” na pólis ateniense. A ideia do governo coletivo, da participação ampliada, deslocava o campo de batalha: não se exercia mais a cidadania, não se atuava politicamente. Afloravam, então, os problemas dos seres humanos na vida privada.

O Banquete, um clássico, está vivo cerca de 2400 anos depois de ter sido escrito. Platão marca o início da história da reflexão sobre o amor com um trabalho que nos dá um exemplo magnífico de pluralismo. Ele oferece uma tribuna para teóricos que defendem teorias diversas, sem descriminar quaisquer tendências.

O súbito aparecimento de Alcibíades chama nossa atenção para o fato, observado pelo escritor, de que o amor, por sua força, não se deixa inserir pacificamente na trama dos conceitos. Algo nele exige sempre sua realização na ação. Algo nele se concentra – se “condensa” – num sentimento bem definido. E algo nele se expande, cresce, envolvendo outros e diversos sentimentos.

É o que veremos nos autores evocados a seguir.